

DOMÍNGUEZ, CÉSAR. *EL CONCEPTO DE MATERIA EN LA TEORÍA LITERARIA DEL MEDIEVO: CREACIÓN, INTERPRETACIÓN Y TRANSTEXTUALIDAD*. MADRID: CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS, 2004. 230 P. (COL. ANEJOS DE REVISTA DE LITERATURA, V. 62).

Prof. Paulo Roberto Sodré  
Doutor em Literatura Portuguesa/Universidade de São Paulo  
Universidade Federal do Espírito Santo

Em 1987, Laurie A. Finke e Martin B. Shichtman apresentaram uma síntese das tendências dos estudos medievais, na introdução ao *Medieval texts and contemporary readers*, obra que pretendeu discutir os textos medievais sob o viés de teorias contemporâneas. Esse propósito derivou, segundo os autores, de uma constatação: o descompasso entre a crítica dedicada aos textos medievais – quase exclusivamente voltada para a edição e interpretação dos manuscritos – e as tendências mais recentes das teorias literárias e culturais.

Em 1998, Carmen Marimón Llorca publicou, no segundo número da *Revista de Poética Medieval*, o que poderíamos considerar uma *propedêutica* para os estudos sobre o Medievo – especialmente no que concerne à literatura –, uma vez que alerta os pesquisadores para a necessária adequação da teoria literária na investigação ineludivelmente interdisciplinar dos textos literários medievos, considerando sua “naturaleza abierta y multifacética”.

Ambos os textos, entremeados por cerca de dez anos, manifestam uma mentalidade que vem exigindo dos especialistas uma metodologia mais acurada, conceitos mais nítidos, propósitos teóricos e hermenêuticos que atendam não apenas a um empreendimento intelectual erudito e restrito, mas que propiciem um escopo intelectual mais amplo, capaz de oferecer ao leitor contemporâneo uma noção mais evidente de que a teoria literária moderna não é senão produto de um contínuo debruçar-se dos acadêmicos – em diferentes momentos, espaços e condições sócio-culturais, decerto – sobre a compreensão do *fazer literário*. Não escapam a esse processo os medievos.

O livro de César Domínguez, *El concepto de materia en la teoría literaria del medievo: creación, interpretación y transtextualidad*, ilustra aquela tendência de, por meio de uma teorização refinada e adequada, investigar os conceitos que permeiam e perfazem a produção teórica e literária medieval e perduram nas reflexões atuais. O objeto escolhido é um termo expresso no poema *La chanson de Saisnes* (c. de 1200), de Jehan Bodel, *materes*. De largo uso nos estudos sobre narrativas cavaleirescas, o termo, contudo, é pouco considerado em sua complexidade pelos críticos modernos. A breve fortuna crítica levantada por Domínguez atesta isso: Gaston Paris (sobre a matéria de França), Roger Loomis (sobre a matéria de Bretanha), Gilbert Highet (sobre a matéria de Roma) ou Juan Ignacio Ferreras (sobre uma provável matéria castelhana) tendem a tratar o conceito de modo ainda impreciso.

Diante da escassez de estudos sobre *materia* e considerando sua importância conceitual, Domínguez investe na pesquisa das manifestações do termo e de seus sentidos em diversos gêneros textuais do Medievo. Seu exame, entretanto, não parte da teoria moderna e contemporânea para aquilatar o conceito; tampouco se restringe a avaliar seu objeto somente do ponto de vista medieval; parte o autor da própria teorização medieval para compreendê-lo e logra estabelecer criteriosamente seu vínculo com conceituações anteriores e posteriores. Eis um de seus méritos.

A via para tal empresa é a observação do uso do termo *materia*, investigando-o por meio do que se considera o fundamento teórico medieval: tradição retórica, tradição glosadora e tradição poética, três instâncias sintéticas a partir das quais os intelectuais da Idade Média produziam e avaliavam os textos. Assim, a fonte de inspiração (a tópica, ponderada pelos retores), a fonte da crítica (a glosa, o comentário ou o *accessus ad auctores*) e a fonte dos preceitos (registrados nas artes poéticas) são pesquisadas minuciosamente. Cada uma delas merecerá um capítulo em que o autor examinará o termo *matéria*, indicando ora sua sinonímia, ora sua menção, ora sua adaptação nos diversos modos de o teórico medieval tratar do termo e seu conceito. Comentadas as tradições, dois outros capítulos serão

formulados com vistas à discussão da concepção de *materia* na produção literária medieval e na reflexão teórica contemporânea.

Tratar de um conceito como o escolhido, no ambiente intelectual da Idade Média, implica na consideração dos postulados aristotélicos subjacentes ou expressos nas discussões sobre produção literária ao longo desse período. Consequentemente, César Domínguez observa, no Capítulo I, “Tradición retórica”, o legado terminológico e conceitual da *Retórica* e da *Poética*, ponderando que é comum às práticas discursivas clássicas e medievais a associação, estabelecida por Aristóteles, entre estas disciplinas no que ambas podem oferecer de complemento para a criação literária. A partir dessa constatação, Domínguez aproxima *materia* de *diánoia* (termo da *Poética*), ou seja, substância mental de que se nutre uma obra, e, sobretudo, de *tópica* (*Retórica*), conjunto de possíveis argumentos que fundamentam a matéria – objeto, portanto, da *inventio*, propiciadora do processo de criação –, aspecto cuja tradição se deve especialmente a Cícero, divulgada no Medievo por Victorino, Boécio, Júlio Vítor e Isidoro de Sevilha. Nesse sentido, a matéria seria a particularização de uma categoria universal, os *loci* ou *tópoi* (*persona, factum, causa, locus, tempus, modus, facultas*).

Ao considerar a tradição glosadora, assunto do Capítulo II, o autor aborda a *poetarum enarratio* ou *interpretatio*, método interpretativo cuja realização se deu especialmente por meio do *accessus ad auctores* ou comentário ou glosa, formulado por Remigio de Auxerre, no século IX. Tal exame permite-nos detectar que a matéria pode ser identificada e expressa, segundo os acadêmicos medievais, no *titulus operis* em que se condensaria a matéria principal ora relativa à pessoa, ora à ação, ora ao espaço, ora ao assunto. Chama a atenção a recolha, ainda que parcial, de *accessus* sobre obras de Ovídio, Boécio e Dante.

Como afirma Domínguez, a tradição poética é a terceira instância em torno da “construcción discursiva en la que se puede rastrear el tratamiento de la noción de *materia*”. Desse modo, no Capítulo III, as poéticas medievais – ainda que voltadas mais para a *dispositio* (estrutura) e *elocutio* (estilo) do que para a *inventio* – de Vendôme, Vinsauf e Garlande, em latim, e as de Raimon Vidal, Jofre de Foixà e Dante Alighieri,

além de Baena, Santillana e Encina, em vernáculo, são discutidas. Acertadamente, Domínguez distribui três grupos de poéticas: as latinas, as vernáculas e, entre estas, as castelhanas. O critério releva, na verdade, o fato de cada uma delas abordar aspectos diferenciados da criação poética. As primeiras apontam a teoria literária produzida dos séculos XII a XIV; as castelhanas indicam o pensamento sobre a criação poética no século XV. Com isso, o autor abrange o extenso período de produção dos tratados poéticos dos anos finais da Idade Média.

Percebe-se, em geral, que a *materia* tende a plasmar o *thema* no processo criativo preceituado pelas poéticas: o poeta imagina o tema que determinará, por sua vez, a matéria cuja fonte argumentativa implicará na tópica e na transtextualidade, dada a importância da tradição literária no Medievo. Distintas em seu alcance, as artes poéticas latinas expõem preceitos para a criação literária em termos gerais, ao passo que as artes vernáculas restringem-se à lírica e à *elocutio*, o que complementa as poéticas latinas que não prevêm os problemas gramaticais e versificatórios em línguas neolatinas. Além disso, nas poéticas em vernáculo, *rayzo* (*razo, razon, raso*) é o termo que traduz *materia*.

No Capítulo IV, “La *materia* en la praxis literaria medieval”, o autor entra na esfera da produção literária propriamente dita e investiga o conhecimento que os autores medievos tinham do termo. Pierre d’Abernon, em *La lumiere as lais*, Gutierre Díaz de Games, no “Proemio” ao *El Victorial*, Chrétien de Troyes, *Le chevalier de la charrete*, entre outros, são os autores a partir dos quais a noção de *materia* é abordada. Sobre constatar-se que os autores tinham consciência do conceito, a dedução a que se chega é que, ao contrário do que se pensava, há “un continuo proceso de mutua alimentación entre las reflexiones teóricas de las tradiciones poetológicas y la praxis literaria, mediante la cual se configura la consciencia acerca de una tradición a la que pertenece y que es susceptible de ser modificada (...)” (p. 153).

O Capítulo V, “La *materia* y la reflexión teórica contemporánea”, é um dos pontos altos do livro, haja vista seu propósito teórico-crítico e histórico-teórico. Em vez de uma abordagem sincrônica do conceito *materia*, César Domínguez entronca sua investigação, além da

tradição clássica grega e latina, nas discussões da Teoria da Literatura, da História Literária e da Literatura Comparada dos últimos anos, dando ao leitor especializado ou interessado uma visão mais abrangente do assunto. Por essa razão, a citação de Eugène Vance é exposta à guisa de síntese: “a Levi-Straussian or Derridean or Lacanian ‘reading’ of a medieval text may very well reveal things about the text that we might not otherwise have perceived. Inversely, the medieval text may very well investigate in us new perceptions about the workings of our own culture” (p. 158). Assim, nesse Capítulo, a discussão é permeada por assuntos da Teoria da Literatura e da Literatura Comparada, a que subjazem aspectos da historiografia literária: a Nova Retórica, a Temática (estudo de temas como categorias gerais) e a Tematologia (subdisciplina da Literatura Comparada). Em tais áreas de discussão, a *materia* é identificada com o termo “tópico textual” (Nova Retórica) ou “espaço transtextual” (Temática).

Cada um desses Capítulos, aqui expostos apenas em suas linhas mais genéricas – e cujas discussões, refocalizações e proposições revelam um estudo extensivo e intensivo, além de sagaz –, pretende indicar a *materia* como termo importante na produção e na recepção das obras literárias do Medievo e de outros períodos de produção. Ademais, considerando o percurso de conceitos idênticos ou aproximados em tratados retóricos e poéticos, nos comentários críticos, nos textos literários, desde a Antigüidade clássica até as teorias mais recentes, Domínguez expõe a *duração* do conceito e suas variantes no séc. XX e XXI (embora sejam poucos, naturalmente, os títulos de 2000 e 2001 nas Referências Bibliográficas).

No Apêndice, “Notas críticas en torno de las *materiae* medievales”, o autor procura sugerir campos propícios a uma investigação posterior. Três itens são expostos, em que se comentam, por exemplo, outras matérias literárias – para além das conhecidas matéria de Roma, de França e de Bretanha –, como a referente aos textos bíblicos e às Cruzadas, identificáveis no modelo de interpretação elaborado por leitores medievais, como os “Nueve de la Fama”. O segundo item trata da influência escolar no desenvolvimento das matérias literárias, e o terceiro, dos vínculos entre estas e a disposição das obras nos códices medievais.

No desenvolvimento do assunto principal, Domínguez insere observações variadas a respeito de aspectos importantes dos estudos literários medievais: o tratamento dado aos *loci* ou *topói* ao longo do tempo (Cap. I, p. 44); uma certa tipologia do *accessus* (Cap. II, p. 75); reflexões acerca da nominação na Idade Média (Cap. III, p. 95), da relação entre *materia* e *rota Virgilii* (Cap. III, p. 100), da transtextualidade como marca da criação literária medieva (Cap. III, p. 111); a criação e a solicitação de mecenas (Cap. IV, p. 138); as relações entre matéria, tema e motivo (Cap. V, p. 177, p. 182). Tais aspectos, diretamente relacionados ao propósito do livro, são detalhados de maneira que o leitor ganha em ponderações produtoras sobre a teoria e a criação literária antes, durante e após o Medievo. Assim, o livro em resenha procura não apenas tratar da literatura medieva; propõe-se a examiná-la de modo que se tenha uma noção do que os medievos trataram, herdeiros da tradição clássica, e da herança que eles, compiladores e glosadores, legaram.

A discussão apresentada por Domínguez incrementa uma tendência dos estudos medievais, detectada especialmente a partir da década de 90 do século passado, em que se preconiza uma investigação vertical de como concebiam e entendiam os acadêmicos e produtores culturais da Idade Média a criação literária. Eventos (Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval: O Género do Texto Medieval), livros (*Tipología de las formas narrativas breves románicas medievales*, editado por Juan Paredes e Paloma Gracia), e artigos (“*Risabellha: a poetics of laughter?*”, de Benjamin Liu) investem na discussão da especificidade da literatura medieval, cujos conceitos e termos ainda requerem pesquisa menos generalistas. Domínguez, ao tratar da *materia*, elucida um aspecto fundamental nas fases da comunicação literária medieva: a criação (a escolha da *materia*), a interpretação (a compreensão da *materia*) e a transtextualidade (utilização da tradição literária expressa em *materia*).

O leitor interessado no conceito de *materia* na Idade Média, mas, sobretudo, no desenvolvimento de uma terminologia que revela muito das fontes e do ambiente da discussão teórica sobre a produção literária entre os acadêmicos medievais, obterá, no

estudo de Domínguez, uma excelente fonte de reflexões, dada a acuidade investigadora do pesquisador, assim como sua argumentação fluente e fundamentada.

Embora o estudo de um termo tão específico e aparentemente isolado pareça exercício crítico-teórico bizantino, as ponderações de César Domínguez propiciam-nos uma visão enriquecedora tanto do labor teórico e criativo dos medievos como das hesitações, transposições, formulações conceituais da época. Por meio do exame do termo *materia*, entramos em contato com a prática das atividades intelectuais, expressas nos tratados de retórica e poética e na própria produção literária e crítica medieva, percebida aqui não como um repositório anódino de gêneros e termos, mas como um conjunto de reflexões dos acadêmicos medievais, sempre em contato com os “gigantes” clássicos, e sempre em avanço.